

OS REFLEXOS DA LEITURA NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Autor; Maria Karolina Regis da Silva

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Karolina0715@hotmail.com

Resumo: Que a leitura e a escrita estão relacionadas desde sempre, não é uma novidade, porém se faz necessário compreender os mecanismos utilizados em sala de aula para proporcionar a interação entre essas duas áreas do conhecimento, tendo sempre em mente que é através da leitura que os alunos se familiarizam com os gêneros, além de terem acesso aos mais variados conhecimentos, não apenas linguísticos, mas de caráter geral, proporcionando muitas vezes uma interdisciplinaridade natural, que rompe as paredes da sala de aula abrindo um horizonte de possibilidades para o aluno. Com base nesses pressupostos, o presente artigo tem por objetivo identificar os mecanismos de interação entre leitura e escrita utilizados e desenvolvidos em sala de aula. A partir dessa identificação pretendemos analisar os reflexos desses mecanismos na produção escrita dos alunos, tendo como base as propostas apresentadas por Koch e Elias (2006), juntamente com a fundamentação teórica proposta por Alves (2014). A pesquisa foi desenvolvida em uma turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada do município de Cabedelo/PB, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário. A partir do material coletado podemos identificar a dificuldade encontrada pelos professores e alunos no que diz respeito a utilizar a leitura como um mecanismo para o aprendizado de gêneros, com base na escassez de gêneros abordados dentro da sala de aula, uma vez que os professores e alunos estão acorrentados a um único gênero, esquecendo o universo de possibilidades que a leitura e escrita podem proporcionar.

Palavras-chave: leitura, escrita, interação.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a leitura está presente em nosso cotidiano, seria impossível passar um dia inteiro sem ler, e na vida escolar a leitura é algo ainda mais frequente, estando relacionada direta ou indiretamente com todas as atividades escolares. Porém esse ato de ler vem se tornando cada vez mais raro, caracterizando uma resistência a leitura, principalmente em atividades realizadas em sala de aula.

Através da leitura os alunos se familiarizam com os mais variados gêneros, além de entrarem em contato com todos os tipos de conhecimento, nos quais encontraram embasamento teóricos para futuras produções textuais, caracterizando uma relação direta entre essas duas áreas: leitura e escrita.

Com base nesses pressupostos, o presente artigo visa trazer de forma clara e sucinta os resultados obtidos com uma pesquisa acadêmica desenvolvida juntamente com a disciplina de Pesquisa Aplicada a Língua Portuguesa, a respeito dos reflexos da leitura na escrita de alunos do Ensino Médio, tendo por objetivo principal identificar os mecanismos de interação entre leitura e escrita utilizados e desenvolvidos em sala de aula. A partir dessa identificação pretendemos analisar os reflexos desses mecanismos na produção escrita dos alunos.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada do município de Cabedelo/PB, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário.

METODOLOGIA

Para elaboração dessa pesquisa selecionamos uma turma de 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada do município de Cabedelo/PB.

Optamos por uma pesquisa qualitativa, pois refere-se ao conjunto de metodologias, envolvendo diversas referências epistemológicas visando compreender os processos vividos no cotidiano em suas diversas modalidades.

O nosso instrumento de coleta de dados consistiu na observação de 4(quatro) aulas de Língua de Portuguesa, com aplicação de questionário, no qual procuramos investigar a forma como o processo de leitura e escrita está sendo realizados em sala de aula.

O questionário foi aplicado em uma turma de 21 alunos, com faixa etária entre 16 (dezesesseis) e 18 (dezoito) anos. Após a coleta de dados analisamos o ponto de vista do aluno em comparação com o que foi observado e relatado pelo professor durante as aulas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO

Ao pensarmos na relação entre leitura e escrita automaticamente caímos na afirmação padrão de que para se escrever bem precisa-se ler muito, pois está é a única forma de se adquirir vocabulário, essa afirmação não deixa de apresentar certo sentido, não podemos considerá-la como um equívoco por completo, porém as contribuições que a leitura desenvolve na escrita vão além de uma simples formação de vocabulário. É preciso também deixar claro, desde as primeiras linhas, que apesar da forte relação entre essas duas áreas, ambas são independentes, só se aprende a ler lendo e a escrever escrevendo, porém o aprendizado se torna mais interessante quando associamos esses dois conhecimentos.

Só poderemos compreender as implicações da leitura na escrita se compreendermos de fato o papel da leitura. Muitos são os percursos e teorias associados a leitura, indo de uma simples atividade de decodificação até concepções sociointeracionista e discursiva.

Alves apresenta dois modelos “principais” de leitura, o ascendente e o descendente. No modelo ascendente encontraremos a leitura como um método de decodificação, no qual o leitor processa todos os elementos componentes do texto, primeiro as letras, depois as palavras, as frases seguindo um processo ascendente, sequencial e hierárquico que leva à compreensão do texto, pelo menos em tese.

Dada a limitação desse modelo, como afirma Lodi, podemos verificar a exclusão dos processos de inferência léxica, conhecimento prévios e as condições de produção do texto, processos esses considerados imprescindíveis para a compreensão textual, deixando espaço apenas para uma análise linear e síntese do significado das partes de informações visuais.

No modelo descendente de leitura encontraremos a ênfase no leitor, nessa perspectiva o texto passa a ser um objeto indeterminado, no qual cabe ao leitor a construção e recriação do significado. Partindo desse pensamento o leitor se coloca como um ser ativo, que não espera encontrar no texto um significado pronto. Sendo assim a compreensão fruto dos significados trazidos pelo leitor, com base em conhecimentos prévios de mundo, as realizações de previsões, elaborações de hipóteses, esquemas conceituais e outras estratégias.

Os dois modelos apresentados acima são fortemente criticados por apresentarem posicionamentos radicais. No primeiro caso encontramos a análise apenas do que foi escrito no texto, desconsiderando o leitor, e no segundo encontramos uma super valorização do leitor, praticamente desconsiderando o sentido que foi aplicado pelo autor.

Um terceiro modelo encontra-se na perspectiva interacionista. Koch e Elias vão propor a leitura como uma atividade de produção de sentido, na qual ocorre um diálogo entre auto-texto-leitor, proposta essa que está enraizada nas concepções apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), como podemos verificar:

“A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe a linguagem e etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.” (In: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa/Secretária de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 69-67.)

Desta forma a leitura torna-se parte da interação verbal escrita, na qual ocorre a participação do leitor na interpretação e reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor, sendo o leitor sujeito da interação, buscando interpretar e compreender os conteúdos do texto. (ALVES, 2014, p. 80)

Com base nesse processo de compreensão do texto alguns autores destacam algumas capacidades/estratégias de compreensão/leitura. Aqui destacaremos duas vertentes, a primeira apresentada por ROJO, (2009, p. 77-78), e a segunda por KOCH e ELIAS, (2006, p. 13-14).

Segundo Rojo podemos destacar 8 (oito) capacidades/estratégias:

- **Ativação de conhecimento de mundo:** o leitor relaciona os conhecimentos implícitos nele com o conteúdo apresentado no texto.
- **Antecipação ou predição de conteúdo:** o leitor aborda o texto a partir da situação de leitura, levantando hipóteses sobre o conteúdo.
- **Checagem de hipóteses:** ao longo da leitura, o leitor checa suas hipóteses, confirmando-as ou desconfirmando-as e, conseqüentemente, levantando novas hipóteses.
- **Localização e ou retomada de informações:** em certas práticas de leitura, o leitor está constantemente buscando localizar informações importantes, destacando-as.
- **Comparação de informação:** o leitor compara informações de várias ordens,

advindas do texto e de outros textos.

- **Generalização:** conclusão geral sobre o fato, situação problema e etc, após análise de informações.
- **Produção de inferências locais:** é possível descobrir novos significados para termos até então desconhecidos.
- **Produção de inferências globais:** nem tudo está dito ou posto no texto, o texto apresenta implícitos e pressupostos que também devem ser considerados na leitura.

Koch e Elias vão sintetizar em 5 (cinco) capacidades/estratégias:

- **O autor do texto**
- **O meio de comunicação do texto**
- **O gênero textual**
- **O título**
- **A distribuição e configurações de informação no texto**

Podemos verificar a diferença gritante entre as propostas de leitura apresentadas aqui, na primeira as estratégias estão totalmente voltadas apenas para aquele momento de leitura, a segunda, além de apresentar uma quantidade reduzida de estratégias, visa proporcionar ao aluno um domínio sobre o gênero, conhecendo cada pedacinho do texto, proporcionando uma compreensão do todo. Sua proposta vai além da leitura, trabalha-se o gênero que se está lido, “preparando a terra” para a produção textual, afinal para se escrever sobre algo, é preciso ler sobre esse algo, identificar suas características e peculiaridades.

Tendo como base a proposta apresentada por Koch e Elias, na qual a escrita é reflexo daquilo que compreendemos com a leitura, passamos a analisar como a leitura vem sendo realizada em sala de aula, como vem ocorrendo esse processo de interação entre essas duas áreas do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante de tudo que foi apresentado nos deparamos com três perguntas que foram não apenas norteadoras, mas a razão para o desenvolvimento dessa pesquisa: o ensino de leitura na escola transforma o aluno em um leitor crítico? E esse ensino é capaz de fornecer ao aluno os mecanismos necessários para a compreensão dos diversos tipos de gêneros? E essa compreensão é suficiente para a produção desses gêneros?

Com bases nesses questionamentos fomos a uma escola e conversamos não apenas com os professores, mas com os alunos também. Mediante a análise dos questionários e das conversas, conseguimos identificar que a leitura e escrita são trabalhadas como áreas isoladas, mantendo a leitura na disciplina de Literatura e fixando a escrita na disciplina de Redação.

Quando questionamos a professora com relação a esses isolamentos, ela nos informou que a grande dificuldade para integrar essas duas áreas está no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), que limita as aulas de redação a produção de textos dissertativos argumentativos. Segundo a professora existe uma exigência com relação a produção desses textos por parte da coordenação, dos pais e dos próprios alunos, impedindo assim aulas que interliguem as disciplinas que englobam a Língua Portuguesa. A mesma ainda afirma que o máximo que se consegue fazer, é trazer textos bases para as redações e com eles elaborar algumas estratégias de leitura para facilitar a interação dos alunos com esses textos na hora de produzir, mas tudo voltado para o ENEM.

Quando questionamos os alunos se eles não gostariam de estudar outros gêneros, a grande maioria falou que sim, mas logo em seguida um aluno disse a seguinte frase: “até seria legal fazer uma redação que não fosse dissertativa argumentativa, mas ela não ia ser útil, afinal não cai no ENEM.”

Com bases nisso, tomamos a liberdade de afirmar que o ensino não é suficiente para formar um leitor crítico, nem capaz de fornecer os mecanismos necessários para a compreensão e produção de gêneros, pois estamos mais preocupados em formar alunos capazes de fazer uma prova.

Seria injustiça culpar a escola, os professores ou alunos por essa falha, somos todos culpados como sociedade, pela super valorização de uma prova. Não podemos afirmar que os alunos não leem, eles leem sim, até mais do que o professor ou o livro didático exige, porém não são capazes de relacionar essa leitura na escrita, apenas a utilizam como agregador de vocabulário. Observei vários alunos com romances nas mãos, livros extra curriculares que eles estavam lendo, porém nenhum deles seria capaz de identificar as características necessárias para a produção de um

romance.

É gritante a necessidade de criarmos laços entres entre essas áreas, para ajudar nossos alunos a compreende a importância da leitura, não apenas para a escrita, mas para a sua formação pessoal, como um ser pensante e crítico.

CONCLUSÕES

Mediante tudo que foi apresentado podemos concluir que é difícil identificar reflexos diretos da leitura na escrita, devido falta de interação entre essas duas áreas dentro da sala de aula, sendo a leitura utilizada mais como um gerador de vocabulário, um agregador de palavra, do que como uma ferramenta de aprimoramento, qualificação e facilitação da escrita de gêneros.

Desta forma deixamos um alerta para o desperdício dessa ferramenta que seria capaz de proporcionar aulas mais interativas e dinâmicas, além de auxiliar na formação crítica e domínio de conteúdos dos alunos, facilitando a interação social e cotidiana do aluno, preparando-o para a vida acadêmica e profissional que o aguarda no futuro próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOCH, I.V.; ELIAS, V. M. *Ler e Compreender: Os sentidos do texto*. São Paulo, 2006.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1997.

ALVES, Maria de Fátima. Leitura, Compreensão de Textos e Formação docente. In: PEREIRA, Regina Celi M.. (org.). *Prática de Leitura e Escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos*. João Pessoa, Editora UFPB, 2014. p. 71-113.

SALES, Laurênia Souto. O Leitor, a Leitura: Um caminho para a história do ensino da leitura. In: PEREIRA, Regina Celi M.. (org.). *Prática de Leitura e Escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos*. João Pessoa, Editora UFPB, 2014. p. 115-177.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo, Parábola, 2009.